Confiabilidade	
A confiabilidade das provas é posta em causa porque há expectativas de que os observadores dominem todos os conteúdos das provas, apesar das provas serem conhecidas com pouco tempo de antecedência; e porque as tarefas são imediatas e o desempenho não pode ser repetido.	
Case #49	, aí critico, sim a validade dos procedimentos, isto é, tal como estamos a ver e muito bem, tem que haver classificação de classificadores à anterior e de uma forma muito séria, têm de ser pessoas muito, muito treinadas em classificar, para estes dados serem válidos, o que eu ponho em causa não é a validade das provas, o que eu ponho em causa é a validade das inferências, é a validade de juízos que fazemos com aquilo que temos da nossa frente e isso decorre para outro tipo de, digamos, preocupações, nomeadamente, nomeadamente, a distribuição da provas com o devido tempo para as pessoas prepararem e a pessoa, quando digo as pessoas é os professores e, e a preparação dos classificadores à anterior, de uma forma consistente e exigente.
Case #49	, nomeadamente, a distribuição da provas com o devido tempo para as pessoas prepararem e a pessoa, quando digo as pessoas é os professores e, e a preparação dos classificadores à anterior, de uma forma consistente e exigente.
Case #49	Ao nível da escola, o que nos parece que nos pode beneficiar, o que é que é recomendável? É o conhecimento do protocolo 10 a 15 dias antes. Claro, defendendo que o protocolo deve ser treinado numa aula com os alunos e deve ser treinado para que os alunos estejam, não vão para uma coisa estranha, vão para uma coisa que já fizeram uma vez.
Case #47	uma boa hipótese também para nós podermos ponderar, acho que o problema da fiabilidade dos resultados é um prolema comum a todas as disciplinas, não é só a Educação Física, mas também reforça a necessidade da formação dos classificadores, não é, principalmente destas provas que são de avaliação em tempo real, ou seja, são mais complexas e não só a nível nacional, não é e já agora agradeço a disponibilidade do IAVE e do Ministério da Educação para esta situação, mas, também, a nível local, aliás, como já fazem algumas escolas, não é.
Case #48	Em termos de sugestões, eu espero não ir, não, penso que não, em termos de sugestões, haverá muitas outras, isto é uma perspetiva e apenas, digamos que um apanhado daquilo que, que eu considero que poderá ser, ah, mais fácil de concretizar e, também, eh, mais, mais importante nesta fase. Atendendo às particularidades da avaliação em Educação Física, será fundamental garantir, continuar a garantir, investir na formação de classificadores. Quando nós falamos em classificação nós não podemos deixar de, de, de ter a noção que o professor que vai classificar tem de também de dominar aquilo que são os documentos curriculares, tem!, não pode deixar de o fazer. Um exemplo muito concreto, na prova de aferição deste ano, eh, quando, quando, quando na tarefa de dança os alunos dançavam o regadinho, em nenhum dos descritores de lá referia que tinha de, de, de existir, de se verificar o movimento do gingar da Maria, mas ele está nas aprendizagens essenciais e, portanto, é esta correlação entre aquilo que são as aprendizagens essenciais e o que são os descritores no âmbito da tarefa que é proposta têm de estar muito bem dominada pelos professores e, portanto, a classificação leva também à interpretação das aprendizagens e à melhoria de todo o processo de lecionação da Educação Física
Case #48	Isto é ainda mais, em, em num contexto em que a observação é direta, presencial, instantânea e, portanto, não, nós temos de ter mesmo um, um olho muito educado para podermos classificar. Para além disso, penso que seria importante recuperar a figura do professor supervisor em cada agrupamento de escolas, escola não agrupada e quando eu digo professore supervisor,, nós sabemos que as direções agora acabam por ficar um bocadinho com esta tarefa, mas especificar de forma clara que deve ser um elemento do grupo de Física, não terá de ser o delegado de grupo, ou o coordenador do grupo ou do departamento de Física, mas é importante recuperar esta figura, porque ele, ela pode aportar mais-valias a todo o processo. Depois
Case #48	Depois, contar com o contributo da inspeção geral em educação e ciência, isto parece-me muito importante. Na minha vida enquanto professor, já assisti a inúmeras inspeções, inspeções que tiveram efeitos positivos, nós temos normalmente tendência para vermos a inspeção geral de educação e ciência como algo que é, que vai à procura do erro, que vai atrás de, de, de, da falha, mas, pelas experiências que tive, muitas vezes têm uma intervenção pedagógica positiva e, aliás, naquilo que está definido como, como prioridades, ah, existe a referência à atuação na promoção de níveis mais elevados da qualidade das aprendizagens e, portanto, se a inspeção geral da educação poder contribuir connosco para isto, seria ótimo, se pudesse, digamos que comparecer em determinadas escolas no momento de aplicação das provas de Educação Física, se calhar podia dar a perspetiva de, de técnicos que estão especializados na, na verificação de procedimentos e por aí fora e, ah, levarem a que as provas melhorassem ainda aplicação, porque sabemos que há formas de ver e de estar diferentes, apesar de termos documentos que nos orientam
Case #48	Avaliar a a pertinência e a viabilidade, claro que isto é complicado, mas porque não, até por amostragem, em cada agrupamento, uma turma, meia turma ou o que fosse, se filmarem momentos de implementação das provas de aferição, acho que isto poderia ser muito positivo, as questões legais ultrapassam-se, felizmente, mas se conseguíssemos ter uma, um, um registo, eh, vídeo, eh, seria muito importante até apar comparáramos aquilo que são os registos realizados pelos professores que classificaram aqueles, aqueles momentos e, depois, uma interpretação realizada com mais calma poo técnicos e até do IAVE e se verificar se existe consistência.

Case #48	Ponderar a partilha de classificadores entre agrupamentos de escola e escolas não agrupadas geograficamente próximas, não tem de ser algo generalizado. A sugestão é uma pessoa de uma escola, para começar, ir a outra escola e contribuir para a aplicação das provas de aferição, ah, porquê? Porque vai ver realidades diferente e, portanto, vai, se calhar aperceber-se do que pode ser melhor feito no seu, no seu agrupamento ou transmitir, partilhar ideias com os colegas das escolas aonde se desloque. É uma sugestão
Case #49	Começando, começando, há aqui uma questão que me preocupa e preocupa depois até de um ponto de vista crítico, naturalmente, tivemos conhecimento das provas na sexta-feira anterior à realização das provas, impediu claramente, digamos, a aferição, preparámos, já agora, contextualizar um bocadinho mais, preparámos quer na quarta quer na quinta com toda a informação que tínhamos melhor possível as provas. Na sexta-feira é que nos chega, digamos, via direção da escola, via secretariado de exames, digamos, o, o ,o, o que era a prova em si, digamos, [impercetível] não tivemos acesso. O que é que isto prejudicou? Isto impediu que houvesse, naturalmente, uma aferição prévia de critérios, descritores e processos de codificação, processos de notação, todas essas coisas, foi impedido exatamente porque é em cima da realização e temos as provas logo a começar á segunda-feira, na segunda-feira seguinte
Case #49	Depois, ah, no 1º ciclo inclusivamente impediu, o conhecimento em cima da hora, impediu que o ginásio fosse preparado para realizar a prova, só em cima da hora é que foi realizado, é que foi preparado ginásio. Por outro lado, impediu também, em relação ao 3º ciclo, que nós organizássemos melhor as coisas, que a organização fosse um ponto, eh
Case #49	O que é que nós tínhamos como experiência anterior? Nós tínhamos uma experiência no departamento que algumas escolas também têm, digamos, ainda antes de existirem as PA, nós fazíamos provas globais. Fizemos durante uma série de anos provas globais e as provas globais tinham caraterísticas, de algum modo, digamos, com as indicações que o Nuno Reininho aqui dizia, por um lado servia para nós nos formarmos, digamos, e fazermos formação recíproca, por outro lado era um instrumento inclusivamente de aferição, porque só fazíamos a prova global depois de fazermos algumas sessões de aferição dentro do próprio departamento à hora de almoço, com miúdos convidados a estarem lá a fazerem aquilo que iam fazer em prova, e, e, por outro lado, ainda, digamos, quando a gente fazia a prova +podia às vezes servir também, especialmente em relação ao 12º ano e a 11º ano, como uma medida ajustada ou, digamos, uma possibilidade ajustada de verificação do desempenho do aluno, dado que, naturalmente, no 11º e 12º ano especialmente, especialmente, os níveis mais elevados de desempenho e, na altura, ainda considerávamos o ensino de matérias de nível E, e algumas até de nível A, queria dizer que não tínhamos alunos normalmente na turma para sequer fazer a aprendizagem. Quanto mais fazermos a avaliação! Digamos, que era o momento , muitas vezes paar encontrar e e assim tirar dúvidas daquilo que são níveis mais elevados de desempenho e uma atribuição mais ajustada e e menos ancorada na perceção do professor e no conhecimento do professor em cada um dos alunos. O
Case #49	Ao nível da escola, o que nos parece que nos pode beneficiar, o que é que é recomendável? É o conhecimento do protocolo 10 a 15 dias antes. Claro, defendendo que o protocolo deve ser treinado numa aula com os alunos e deve ser treinado para que os alunos estejam, não vão para uma coisa estranha, vão para uma coisa que já fizeram uma vez.
Case #49	Segundo, uma coisa que era uma prática que nós tínhamos nas provas globais e que não conseguimos este ano, que é ter um coordenador das provas. O coordenador das provas é uma pessoa que está solto e é normalmente a pessoa mais experiente, ou uma pessoa que é delegado ou, digamos, coordenador do departamento, digamos, é a pessoa que, digamos, que olha para tudo, está solto e consegue, digamos, fazer ajustamentos no decorrer da, da, da, do, da realização
Case #49	Por outro lado, penso que é aquilo que o Nuno Reininho aqui refere relativamente a um professor de Física no secretariado de exames. Houve uma completa insensibilidade, digamos, e a colega é extremamente competente, mas, digamos, houve uma completa insensibilidade, que isto não pode ser informado 20 minutos antes de começar as provas. 20 minutos antes de começar as provas, eu tenho na minha mão quais são as notações e quais são as fichas, isto não pode ser, na minha opinião, na nossa opinião, não deve ser
Case #49	Nós, a leitura que nós fazemos, mesmo até em termos do trabalho que fizemos a semana passada, é de grande insucesso, pro isso, há, aqui, uma, um maior insucesso, maiores preocupações. Primeiro insucesso, a validade dos resultados, não meto, nem nós, nenhum de nós em termos de departamento mete as mãos no fogo relativamente à validade destes resultados. Dou-vos uma ideia, eu estou sentado com a minha colega a vermos uma, uma, um conjunto de destrezas que é pedido numa determinada tarefa e nós, em cima da hora, estamos a ajustar, com produtos que não são permanentes e que mesmo, repete um, repete duas vezes, eh, com grande falibilidade relativamente, digamos, ao tipo de produto que é feito relativamente, digamos, a este tipo de atividade, da nossa atividade de trabalho, por isso, quero dizer para já que a validade dos resultados é um insucesso.
Case #49	A outra, a outra questão é de facto, reparem, quase metade dos alunos não dominam jogos no 3º ano, aquele jogo simples, quase metade. Um terço dos alunos não domina, peço desculpa, peço desculpa com que estou a apresentar os resultados do 1º ciclo, pro isso, não domina quase metade dos alunos não domina o jogo. Um terço dos alunos não domina relativamente, tarefas relativamente simples, peço desculpa, houve saltos, ora bem, quando formos para o 3º ciclo, com um grupo de 140 alunos, mantemos a conclusão, não temos validade nos resultados.
Case #49	Volto atrás um bocadinho que eu na altura saltei o slide, mas que a ordem pode ser, pode ser aquela que nós quisermos e, pro isso, como não foi na altura, vale apenas, digamos, neste momento, dizer, [interrupção do moderador para solicitar conclusão], pois se nós dissemos a dado momento que não havia validade nos resultados. Reafirmamo-lo e reafirmamo-lo que a literatura diz exatamente que para haver validade há uma série de questões que têm que ser colocadas, não é, quer a validade no seu aspeto geral, quer a validade como uma especificidade, quando tratamos de especificidade estamos a falar de validade, fidelidade e objetividade, como caraterísticas, mas [impercetível] que esse modelo, o professor João Comédias demonstrou um bocadinho isto, a dizer que isto vem do modelo quantitativo e nós devemo-nos apoiar muito no modelo qualitativo. Mesmo na base do modelo qualitativo, os nossos resultados não são resultados, primeiro, deixem-me ir ao fundo, duas deliberações que são importantes, nós temos que tentar trabalhar no futuro mais com produtos permanentes e isso só é possível se tivermos a filmagem como foi dito á bocadinho pelo Nuno Reininho, Nuno, penso que é Nuno, pois ter, o mais possível, produtos permanentes
Case #49	Segundo, o conhecimento e aferição de critérios de avaliação à priori, eventualmente se isso fosse em outubro, como obviamente, como reflexão para o ministério da Educação, era neste momento que deviam estar a ser feitas as formações em aferição em Física, era em junho/julho, que é para em setembro7outubro os avaliadores avaliarem em função de um treino que tem, tem que ser classificadores, classificadores treinados. Nas outras disciplinas, o IAVE efetivamente tem essa experiência, nas outras disciplinas mesmo o retirar dúvidas, telefona, retira

	dúvidas, faz reuniões de aferição, é em cima de um produto permanente que já foi fechado, o nosso não, o nosso é um produto instável, que só acontece na maior parte das vezes quando não filmarmos, e, à partida, eu como classificador tenho que ser expert na classificação e no currículo. Ora bem, o modelo qualitativo ajuda-nos um bocadinho porque, reparem, porque só se diz, isto qualquer, por exemplo, qualquer trabalho de ordem qualitativa, só se diz que o trabalho de ordem qualitativa tem qualidade se a sua credibilidade permitir transferibilidade, isto é, e situações relativamente semelhantes, num caso relativamente semelhante, por exemplo de estudos de caso, num caso relativamente semelhantes, as caraterísticas ou as inferências que são feitas relativamente ao que nós fazemos pode-se vir a manter, por isso, quer dizer que deve haver alguma transferibilidade dos resultados.
Case #49	Por outro lado, deve haver confiabilidade, isto é, haver confiabilidade no sentido de que avaliadores diferentes ou mesmo avaliador em momentos diferentes, é que não muda, nem do 8 para o 18, quanto mais do 8 para o 80, não é, e depois confirmabilidade, confirmabilidade neste caso não tendo, não trabalhando nós em produtos permanentes, quando não conseguirmos trabalhar em produtos perramente, tem que ser o trabalho da própria escola e aquilo que o Nuo Reininho diz que é professores visitantes das outras escolas, isto é, a confirmabilidade é ganha pela aferição, pelo acordo que é estabelecido, pronto, isto concluindo, digamos que o texto do professor João Comédias torna isto muito claro e diz que nós não temos validade nos nossos resultados. Não impede que não tomemos decisões e não impede que tentemos fazer o melhor com aquilo que temos. Obrigado pela vossa atenção.
Case #49	Só esclarecer duas coisas, eu não falei na validade das provas, eu falei em validade de inferência. As provas em si, daquilo que me foi dado a trabalhar e perceber, as provas são válidas, são coerentes relativamente àquilo que, à validade de conteúdo que devem ter relativamente ao que os alunos devem saber, não é a validade das provas que eu estou a referir, o que eu estou arreferir é, atenção, também ponho, aí critico, sim a validade dos procedimentos, isto é, tal como estamos a ver e muito bem, tem que haver classificação de classificadores à anterior e de uma forma muito séria, têm de ser pessoas muito, muito treinadas em classificar, para estes dados serem válidos, o que eu ponho em causa não é a validade das provas, o que eu ponho em causa é a validade das inferências, é a validade de juízos que fazemos com aquilo que temos da nossa frente e isso decorre para outro tipo de, digamos, preocupações, nomeadamente, nomeadamente, a distribuição da provas com o devido tempo para as pessoas prepararem e a pessoa, quando digo as pessoas é os professores e, e a preparação dos classificadores à anterior, de uma forma consistente e exigente.
Case #51	. Ora bem, as provas do 2º ano, as provas do 2º ano tiveram aqui um desafio diferente do ano passado, ah, nós, ah, as 6 turmas, ah, estão dispersas por cinco escolas diferentes e nós, normalmente, o que fazíamos era, deslocávamos todas as turmas à escola sede e, nas mesmas condições, aplicávamos a PA. Este ano lançamos um desafio aos colegas e à direção, que foi, ah, realizarmos as provas de aferição no local onde eles têm as aulas de Física, há, e, portanto, nós é que nos deslocámos às escolas e, ah, isso levantou alguns prolemas e gerou alguma ansiedade por parte de, dos professores do 1º ciclo
Case #51	O que é que permite esta situação? Esta situação permite depois, quando saírem os resultados, termos uma imagem mais real daquilo que é prática da aula de EF no dia-a-dia, que é naquele espaço, naquela escola, com aquelas condições e, portanto, tentarmos, aquilo que nós tentámos fazer foi passar, ah, para cima aquilo que é a realidade que é a aula de EF no 1º ciclo das nossas escolas do agrupamento.
Case #51	Portanto, foram 18 os professores que foram aplicadores e classificadores, ah, nós trabalhámos nesse 2 dias de forma intensa, em blocos, blocos de duas turmas em simultâneo, muitas vezes, há alturas em que não era possível fazer 2 turmas em simultâneo, porque o professor aplicador, ah tinha várias turmas do 8º ano e não era possível aplicar a 2 turmas ao mesmo tempo e isso estendeu-se ao dia todo e daí a necessidade d e termos 18 professores a classificar. Durante esta experiência isto permitiu desenvolver um trabalho colegial, não é, portanto, nós tivemos de estar muito tempo presentes, muito tempo uns com os outros, partilhámos aqui momentos bons, momentos de dificuldade, não é, os colegas levantaram as questões dessas dificuldades, que é observar e classificar, naquele instante, só com uma ou duas execuções o desempenho dos alunos, no entanto este é um momento que nos permite, também, afinar a nossa capacidade de observação e eu acho que isso foi uma mais-valia também para, para, para o grupo podermos ter aqui um momento, ah, de trabalho em conjunto que, ah, certamente melhorou o nosso empenho profissional.
Case #52	é claro que o modelo, o modelo das provas ah, é este porque estamos a falar de uma, de uma área em que é manifestamente os alunos têm que, que desempenhar tarefas práticas, ah, e, e, e como sabem, as tarefas práticas têm que ser, ou devem ser, avaliadas, ah, em termos de, de observação. Agora, ah, isto tem as suas dificuldades, tem o seu problema de classificação e esses é que é o ponto, não é bem um problema de validade, ah, é um problema de fiabilidade dos resultados, em termos de, em termos técnicos
Case #52	A validade tem a ver com a construção do guião e não queria agira estar a falar disso aqui, não temos muito tempo, mas temos, realmente, alguma dificuldade no processo de classificação.
Case #52	Nós podemos ter as provas mais bonitas, mais bem feitas que quisermos construir se o processo de classificação não for de qualidade, vamos ter problemas de fiabilidade de resultados, como o colega João Silva referiu e muito bem, ah, é um problema que também existe nas outras PA e mesmo nos exames nacionais, portanto, nós temos grande preocupação com a aplicação dos critérios de classificação.
Case #52	Claro que é muito mais difícil em tempo real, claro que é um desafio e, também, como foi referido, já agora para falar dos três colegas anteriores, pelo, o, o, o Nuno reininho também referiu que é fundamental a formação de classificadores e nós tomámos devida nota, é fundamental ainda mais no, num processo de classificação que é feito em tempo real e que a concertação tem de ser feita em tempo real, portanto, nós estamos cientes dessa dificuldade
Case #52	Apesar d tudo, penso que os resultados têm, têm tido qualidade, nós temos alguns processos também estatísticos para verificar se temos o mínimo de qualidade depois nos resultados e temos o trabalh, o trabalho que os professores classificadores têm feito, é um trabalho de muito
Case #52	E, e, e eu trouxe aqui uma apresentação mas que já, já, ao longo desta, desta, deste webinar já, enfim, já, não me parece assim tão interessante, quanto isso, tendo em conta o que foi dito, mas apesar de tudo eu gostaria de percorrer um pouco há, o que eu pensei dizer aqui, ah, neste, neste webinar que estava mais relacionado, porque já foi, já foi tudo muito falado, da elaboração das provas, no processo de aplicação, já falámos muito sobre isso e, ah, e da importância de aplicarmos as provas de, com maior qualidade possível, eh, já falámos do

	processo de classificação, que é fundamental e aqui, se calhar, temos mesmo de fazer um reforço de formação, porque é, é, é realmente mais complexa a classificação em tempo real do que termos um teste à frente e termos tempo para refletir sobre esse, sobre um produto, ah,
Case #52	a questão do vídeo, isto dava-nos aqui para 3 horas de discussão, pode ser interessante, mas depois vamos cair no, como eu costumo dizer, isto já discutimos internamente, vamos cair no VAR, que é, vamos ver os pormenores tos, que o aluno pôs o pé ali, pôs o pé acolá, pode ser interessante, mas penso que tem de ser mais discutido, digamos assim, senão, começamos a marcar penaltis que não existem ou que, enfim, foi ao milímetro, digamos assim, eu estou a brincar, obviamente, mas é uma questão que temos de discutir, agora de uma forma mais séria.
Case #52	ah, existem algumas fragilidades, por exemplo, em termos comparativos inter-anuais, existem, porque existe alguma flutuação nos, nos resultados, ah, digamos assim dos resultados nacionais, apesar de tudo são informações muito importantes, mas, estas provas estão desenhadas para terem informações detalhadas acerca do desempenho dos alunos.
Case #52	Nós podemos ter as nossas opiniões, obviamente sem problema nenhum, ah, eu, eu não referi, exatamente, que havia problemas de fiabilidade, existem, existem dificuldades naturais no processo de classificação deste tipo de provas, as dificuldades advêm, como foi referido, do, do, do facto de termos, ah, uma avaliação em tempo real, avaliação de desempenho e, portanto, por observação direta e por concertação de, de, de das opiniões, relativamente à aplicação dos critérios por parte dos, dos professores, portanto, as provas têm validade, eu disse isso, têm validade, mas claro, se o processo de classificação não for bem conduzido, se os professores que estão a fazer o processo de classificação se aplicarem mal os critérios de classificação, isso é como em todos os outros instrumentos de avaliação, quer dizer que os resultados não têm fiabilidade, ora, eu depois eu disse também que, dos estudos que nós fazemos da base de dados final, mostra-nos que existe grande qualidade dos dados, portanto, eu não disse que havia fiabilidade nos dados, pelo imensa desculpa mas eu não disse isso, não sei se foi essa só a sua pergunta, a minha resposta é esta.
Case #52	Como eu já, como eu já tinha dito na minha intervenção, penso que é fundamental que os classificadores tenham, ah, o melhor desempenho possível, não é fácil classificar em tempo real, aplicar critérios de uma forma muito homogénea, no fundo, ah, no fundo aplica-los da mesma forma ao longo do tempo, do processo em que todos os elementos de uma turma fazem uma tarefa, não é simples e, portanto, não há tempo, não há muito tempo para refletir, sendo que, ah, o, o, o rigor, como é que eu ei-de pôr isto sem ser mal interpretado, nem sempre existe o máximo rigor, nem sempre isso é conseguido, também no processo de classificação em que os alu, os professores têm à sua disposição um registo escrito, digamos assim, existem inúmeras dificuldades no processo de classificação, precisamente porque, ah, existem muitos, os alunos são muito imaginativos e, portanto, existem muitos cenários de resposta que, por vezes, causam alguma dificuldade na aplicação dos critérios e, portanto, não existe só dificuldade no processo de classificação, chamadas provas práticas, com avaliação de desempenho em tempo real, mas até nas restantes, ah, disciplinas em que têm registo escrito. Não obstante, eu acho que é fundamental, eu levo daqui essa, levo, levo daqui essa, esta informação, penso que vamos ter que, ou, ou, ou tem que ser uma prioridade para o IAVE fazer formação de professores nesta área de classificação da EF e não só, em todas as outras provas cujo processo de classificação é feito em tempo real, obviamente, portanto, fica aqui o nosso compromisso de que vamos, ah, vamos tentar para o próximo ano ter formação nesta área.
Case #54	Fazemos aferição, ok, mas fazemos aferição de uma coisa que tem de ser dada de acordo com o programa que está estipulado e não de acordo com as vontades. Aliás, vocês reparam que uma das coisas que aconteceu e que foi dito aqui é que os materiais surgem quando veem as provas de aferição e vão a correr comprar material, houve até um colega que disse que havia coisa que estavam esgotadas, isto não pode continuar a acontecer. Meus amigos, eu entrei com 20 anos para a carreira, vou sair da carreira e continuamos a discutir o sexo dos anjos em relação à Educação Física. Isto é o meu drama, eu estou cá porque acredito que nós somos os mais importantes, ou somos muito importantes na escola e somos muito importantes aos meninos e os meninos continuam a não fazer ginástica no 8º ano, porque eles não aprenderam no 1º ciclo e os medos instalam-se e os medos são maiores e há professores que não têm capacidade opara aguentar um aluno de 102 ou 102 quilos, para o ajudar a fazer uma cambalhota.
Case #57	Falou-se aqui durante, durante as várias intervenções da, da especificidade da, da especificidade da Física e da especificidade do, do trabalho dos professores ao avaliar os alunos em atividade e da dificuldade também associada, associada a isso, portanto, eu gostaria de perguntar aqui ao, ao, ao representante do IAVE, o dr. Luís Santos, também ao representante do Ministério da Educação, Dr. [nome], tendo em conta que nós não temos esses produtos fixos, ou produtos permanentes de aprendizagem e termos que decidir no momento e, poR vezes, de forma colaborativa sobre aquilo que é o desempenho dos miúdos e, às vezes estamos a falar de tarefas coletivas, não estamos a falar de tarefas individuais, o que acrescenta ainda uma maior dificuldade, ah, se efetivamente está previsto, eh, uma maior aposta na formação, na formação de professores classificadores e, também, sabendo também à partida que essa formação tem depois uma, uma transposição para aquilo que são as práticas normais durante o ano relacionadas com a avaliação interna.
Case #58	Dr. [nome], que está aqui hoje como representante do Ministério da Educação, quiçá também do IAVE porque isto que a colega acabou de falar sobre as provas de aferição terem que avaliar realmente aquilo que é dado nas aulas pelos professores, ah, é, é, é, tem um tempo para se fazer e as provas de aferição têm mesmo que espelhar, ah, ou devem espelhar um currículo que está desenhado desde o 1º ano até ao 12º ano, ah, claro que todos sentimos dificuldades, eu também tive a ajuizar, a classificar alunos nas provas de aferição e todos sentimos , ah, dificuldades em cruzar o olhar com o colega que está ao lado, ah, numa ou noutra ocasião as coisas não são assim tão evidentes, eh, claro que mais evidente, se calhar nos Jogos desportivos coletivos, em que, como os colegas já referiram a criatividade é, é muita, ah, as situações são irrepetíveis, ah e, e nós temos ali um curto espaço de tempo

Validade		
A validade das provas é posta em causa porque emergem sensibilidades ao professor, material, aluno, grupos e contacto com a tarefa de avaliação.		
Sub-categoria	Caso	Discurso
Aluno	Case #47	a, e a, e neste caso, aqui a intervenção do [nome] foi muito importante e também para um alerta, que para nós também já começamos a sentir apesar de não termos os dados todos, é cada vez maior o número de alunos que não faz estas provas e este é um indicador preocupante, não sabemos bem, e este é um indicador preocupante em termos da possibilidade dos alunos não fazerem aprova, porque depois não entram nas estatísticas e, se calhar, os número são ligeiramente piores, ou não, não sei, em relação àquilo que se faz, que tem a ver um pouco com,
	Case #49	Aptidão aeróbica, alunos que não fazem ou que se recusam a fazer, que é um fenómeno, ou que não faze, digamos, o que lhes é exigido relativamente ao teste de aptidão aeróbia, para a sua idade e sexo, 21%, além da validade dos resultados, há aqui em cima, digamos, resultados complexos.
Contacto com a tarefa	Case #48	A questão que foi colocada e que foi pelo João, João Silva, em relação à, à situação de se permitir o treino da tarefa, ah, e, não sei se algum de vocês, se já passaram por situações, nomeadamente no 1º ciclo e a repetição da tarefa no 1º ciclo a mim parece-me ser uma situação em que o resultado final pode realmente ser alterado, porque são tarefas de complexidade muitas vezes reduzida e bem e a experimentação da tarefa várias vezes pode levar a que os alunos realmente consigam uma prestação diferente e que não reflete o trabalho realizado pela escola e sim o adestramento prévio
	Case #48	Ah, eu, eu posso dizer-vos que passei por experiências em que os alunos quando chegaram ao local de aplicação das provas disseram, ah, nós já treinamos isto várias vezes [risos], eles viram o percurso montado, o material montado e isto foi dito de forma genuína e fantástica, como dizem as nossas crianças e despreocupada, descomprometida e realmente notou-se que eles quando passavam para a tarefa, aquilo já tinha sido experimentado e testado.
	Case #48	Até que ponto é que com aquela turma, ou com aquelas turmas, há o reflexo efetivo no âmbito do trabalho desenvolvido na EF ou há um efeito de adestramento. Naturalmente nas PA do 5º e 6º e do 8º ano, há não se coloca tanto esta questão, porque o grau de complexidade das tarefas e os níveis de desempenho psicomotor exigidos já implicam realmente um, um trabalho continuado, mas também, lá está, voltamos à questão, temos os resultados que nos preocupam mais um bocadinho nesses níveis mais elevado quando sabemos que os alunos já, já abordaram essas tarefas e essas matérias de forma continuada.
	Case #49	Defendemos e isto é uma posição, é uma opção de alguns de nós dentro do próprio departamento, defendemos o ensaio em aula com cada turma. Ultrapassa um bocadinho uma questão que o Nuno está a colocar, que é aquelas tensões, as tensões que é o que os alunos vão fazer. Existem comentários contra e os comentários contra muitas vezes, está bem, mas eles treinam e depois acabam por saber fazer aprova e eu só faço este comentário lateral, que é assim, bom, se aprendem num ensaio, ou somos muito bons professores ou temos bons alunos na nossa mão, isto é, de qualquer maneira, o conhecimento daquilo que é a sequência na ginástica deixa-os mais tranquilos, até para decidir o que conseguem fazer e o que não conseguem fazer, em cima da hora e do conhecimento daquilo que a prova pede, ajusta, claramente, digamos, aquilo que são muito bons desempenhos, desempenhos intermédios muitas vezes ficam um bocado ocultados desta, digamos, prestação.
	Case #49	Depois, só uma nota aqui assim relativamente a um comentário do [nome do professor], eu não estou de acordo com o [nome do professor], porque o [nome do professor] diz assim. Está bem, mas aquilo no 1º ciclo é tão simples que eles fazem uma vez e podem chegar lá e ter aproveitamento, ótimo! Se há coisa, há qualquer coisa aqui de estranho, os alunos aprendem de uma vez, é porque a trefa em si é demasiado simples, mas admitamos que sim, que até, se aprendem é porque a prova até está de acordo com aquilo que é uma aprendizagem do currículo dele, mais, eu sou dos jogos desportivos coletivos.
	Case #51	Este desafio, ah, teve que ser um bocadinho, ah, ah, desmontado, não é, porque ah, para, não criarmos esta ansiedade nos professores nós tivemos a necessidade de fazer uma primeira sessão de formação, ah, sensibilização com os colegas aplicadores e classificadores, o que é que nós fizemos? Agarrámos na, em provas numa versão anterior, dos anos anteriores e ensaiamos a aplicação dessa prova no ginásio, na escola sede, com todos os classificadores e aplicadores, eh, que estavam de serviço a essa, a essa prova, ah, algumas pessoas começaram logo a, ah, levantar os seus receios, não é, a mostrar os seus receios e nós tivemos, ah, tempo e espaço para, nessa altura, ah, falar calmamente com as pessoas, aferir aqui alguns procedimentos de, de aplicação da prova, utilizamos alguns miúdos do 1º ciclo para ensaiar essas questões, ah, e eu acho que esse aspeto foi muito benéfico na aplicação depois da prova, porque os professores já iam muito mais calmas, já iam, já tínhamos desmontado aqui o problema e, portanto, ah, foi muito mais fácil depois a operacionalização da prova.
	Case #48	E, por último, e isto é muito importante e não é só para a Educação Física, quem, quem aplica, quem classifica provas de aferição no 1º ciclo sobretudo, nos outros ciclos também, mas no 1º ciclo sobretudo, até porque são miúdos mais novos, por vezes vê colegas titulares que vivem o dia da prova de aferição com uma ansiedade tremenda e que transmitem essa ansiedade aos alunos. Vemos fenómenos de adestramento dos miúdos para as provas de aferição, em que efetivamente e até pelas conversas que se vão tendo com os colegas, a lecionação da Educação Física não acontece de forma sistemática, planificada, mas que nos, nas semanas que, que antecedem a prova de aferição há um fenómeno de adestramento intenso dos miúdos e coloca-se uma carga enorme sobre aquilo que é o desempenho, em vez dos miúdos estarem á vontade e se divertirem e realmente aquilo que são as aquisições no seu processo de ensino-aprendizagem ficarem depois plasmados nos resultados da provas de aferição. A pressão é enorme, os professores ficam crispados, falam alto com os miúdos e a Provas de Aferição passa a ser um momento que pro vezes não é agradável para as crianças e não pode ser assim, nós estamos a dar uma ideia completamente errada daquilo que é, que são as Provas de Aferição, em todas as disciplinas. Nós sabemos que existem centros de estudo e que existem professores nas outras

		áreas do currículo e no 2º e 3º ciclo que fazem preparação específica para as Provas de Aferição, portanto, é preciso repensar isto e é preciso, ah, pôr no terreno esta formação e esta sensibilização para que as PA atinjam, realmente, os desígnios para as quais, para, perdão, para os quais foram criados e muito obrigado.
	Case #49	Defendemos e isto é uma posição, é uma opção de alguns de nós dentro do próprio departamento, defendemos o ensaio em aula com cada turma. Ultrapassa um bocadinho uma questão que o [nome] está a colocar, que é aquelas tensões, as tensões que é o que os alunos vão fazer. Existem comentários contra e os comentários contra muitas vezes, está bem, mas eles treinam e depois acabam por saber fazer aprova e eu só faço este comentário lateral, que é assim, bom, se aprendem num ensaio, ou somos muito bons professores ou temos bons alunos na nossa mão, isto é, de qualquer maneira, o conhecimento daquilo que é a sequência na ginástica deixa-os mais tranquilos, até para decidir o que conseguem fazer e o que não conseguem fazer, em cima da hora e do conhecimento daquilo que a prova pede, ajusta, claramente, digamos, aquilo que são muito bons desempenhos, desempenhos intermédios muitas vezes ficam um bocado ocultados desta, digamos, prestação.
	Case #49	Ao nível da escola, o que nos parece que nos pode beneficiar, o que é que é recomendável? É o conhecimento do protocolo 10 a 15 dias antes. Claro, defendendo que o protocolo deve ser treinado numa aula com os alunos e deve ser treinado para que os alunos estejam, não vão para uma coisa estranha, vão para uma coisa que já fizeram uma vez.
	Case #49	Aprenderam uma vez, extraordinário, cada professor tirará a sua ilação do que os alunos aprenderam o que está no protocolo de uma vez.
	Case #52	Isto não é simples, mas se fosse simples não éramos nós que estávamos aqui a trabalhar, portanto, é difícil, mas tem que ser feito e tem que ser, no fundo tem que ser explorado toda esta informação que é riquíssima e por ser rica é difícil de utilizar, obviamente. Olhem aqui para a patinagem, não realizaste a tarefa da patinagem. Esta é uma das questões, que estão a olhar para a patinagem, é uma das questões que também foi aqui referido, ah, penso que o Luís Costa referiu isso, que é os alunos não tinham material para desenvolver o currículo durante o ano letivo, pelo menos algum dos materiais, dos equipamentos, ah, a patinagem apareceu também para relembrar que faz parte do currículo e que as escoa têm que star apetrechadas, agora, faz mal os alunos não terem realizado esta tarefa específica naquela prova de aferição? Não tem mal! Não tem mal! Não tem mal neste sentido: se for um potenciador, se for catalisador para a escola adquirir o material e para os alunos no fundo desenvolverem estas aprendizagens, estas competências, já valeu a pena,, já foi uma vitória da PA, agora, quando as escolas nos telefonavam e diziam, ai, não temos patins, vamos comprara já, não, não é isso, porque ai não vamos aferir o trabalhos dos alunos ao longo do ano letivo, ainda por cima podem partir as pernas e os braços, não interessa nada, portanto, quando aparecer, agora foi a questão dos espaldares, não têm espaldares não podem fazer aquela tarefa, mas pode ser catalisador para que a escola possa, eventualmente, numa próxima oportunidade, ah, no fundo, desenvolver esta parte do currículo com os seus alunos, portanto, não, ah, ah, não se preocupem demasiado com o facto de, não temos aquele material, temos de o adquirir, mas tem que, é obrigatório que o aluno tenha desenvolvido essas competências, essas aprendizagens ao longo do ano letivo, se não aí é que os resultados não têm validade, verdadeiramente, não têm validade, porque não estamos a recolher informação exatamente sobre o que queríamos recolher, estão a perceber a questão, portanto, nada de stress nesta, nesta, nesta matéria.
Grupos	Case #59	O professor aplicador organiza equipas de três alunos, de acordo com as instruções fornecidas na Informação Complementar publicada pelo IAVE, I.P
	Case #59	O professor aplicador forma grupos de oito alunos, organizados em quatro pares.
	Case #59	O professor aplicador forma grupos de oito alunos, organizados em quatro pares
	Case #59	O professor aplicador organiza grupos de quatro alunos, de acordo com as instruções fornecidas na Informação Complementar publicada pelo IAVE, I.P
	Case #59	O professor aplicador organiza equipas de quatro alunos, com mais um aluno na função de guarda-redes, de acordo com as indicações fornecidas na Informação Complementar publicada pelo IAVE, I.P.
	Case #59	Se os professores classificadores verificarem que o insucesso de um aluno é determinado pelo desempenho do companheiro, devem reorganizar o grupo.
	Case #59	Se os professores classificadores verificarem que o insucesso de um aluno é determinado pelo desempenho do companheiro, devem reorganizar o grupo.
	Case #59	O professor aplicador forma grupos de oito alunos, organizados em quatro pares.
	Case #59	O professor aplicador forma grupos de oito alunos, organizados em quatro pares
	Case #59	Se os professores classificadores verificarem que o insucesso de um aluno é determinado pelo desempenho do companheiro, devem reorganizar os pares.

	Case #60	Na realização da tarefa 9 (jogo da «semente mágica»), a turma é organizada em grupos de seis alunos, respeitando-se a numeração da turma. Nesta tarefa, se o número de alunos não for divisível de modo a permitir a formação de grupos de seis alunos, o grupo em falta será completado com alunos da turma cujo desempenho já tenha sido observado e classificado
	Case #61	Na realização da tarefa 9 (jogo da «Raposa na toca»), a turma é organizada em grupos de seis alunos, respeitando a numeração da turma. Nesta tarefa, se o número de alunos não for divisível de modo a permitir a formação de grupos de seis alunos, o grupo com alunos em falta será completado com alunos da turma cujo desempenho já tenha sido observado e classificado
	Case #62	Os grupos são formados por seis alunos. Se houver um grupo com um número inferior a seis, tem de ser completado com outros alunos da turma cujo desempenho já tenha sido observado e classificado. No entanto, para classificação, cada aluno joga apenas uma vez
	Case #63	Se os classificadores verificarem que o insucesso de um aluno é determinado pelo desempenho dos companheiros, devem reorganizar o grupo
	Case #63	Se os classificadores verificarem que o insucesso de um aluno é determinado pelo desempenho dos companheiros, devem reorganizar os grupos.
	Case #63	Se os classificadores verificarem que o insucesso de um aluno é determinado pelo desempenho do companheiro, devem reorganizar os pares.
	Case #64	Se os professores classificadores verificarem que o insucesso de um aluno é determinado pelo desempenho dos companheiros, devem reorganizar o grupo.
	Case #64	Se os professores classificadores verificarem que o insucesso de um aluno é determinado pelo desempenho do companheiro, devem reorganizar o grupo.
	Case #64	O professor aplicador forma grupos de quatro alunos, organizados em dois pares. Os alunos de cada par são colocados em lados opostos da rede, distanciados entre si de 6 a 8 metros
	Case #64	A formação dos pares deve permitir o melhor desempenho possível a cada aluno
	Case #64	Oprofessor aplicador organiza grupos de quatro alunos, de acordo com as instruções fornecidas na Informação Complementar publicada pelo IAVE, I.P
	Case #64	Se os professores classificadores verificarem que o insucesso de um aluno é determinado pelo desempenho do companheiro, devem reorganizar os pares.
	Case #64	A tarefa é realizada por dois pares em simultâneo, de modo a possibilitar, se necessário, a reorganização dos pares.
	Case #65	Para a realização da tarefa 9 (jogo do «Puxa a orelha»), a turma deve ser dividida em grupos de seis alunos, respeitando-se também a numeração da turma. Caso o número de alunos não seja divisível por seis, o grupo restante, com número inferior de alunos, será completado com outros alunos da turma cujo desempenho já tenha sido observado
	Case #65	Grupos de seis alunos. Se houver um grupo com número inferior a 6 alunos, o grupo tem de ser completado com outros alunos da turma cujo desempenho já tenha sido observado. No entanto, para classificação, cada aluno joga apenas uma vez.
	Case #65	Para a realização da tarefa 9 (jogo do «Puxa a orelha»), a turma deve ser dividida em grupos de seis alunos, respeitando-se também a numeração da turma. Caso o número de alunos não seja divisível por seis, o grupo restante, com número inferior de alunos, será completado com outros alunos da turma cujo desempenho já tenha sido observado.
	Case #66	Para a realização da tarefa 9 (jogo do «Rabo de raposa»), a turma deve ser dividida em grupos de seis alunos, respeitando também o número na turma. Caso o número de alunos não seja divisível por seis, o grupo restante, com número inferior de alunos, será completado com outros alunos da turma cujo desempenho tenha sido já observado.
Material e espaços	Case #47	também falado, pelo [nome do professor], pelo apetrechamento de material, não é, que agora, já agora, em relação ao 1º ciclo é da responsabilidade das autarquias,
	Case #51	A questão do material, como nós nos anos anteriores fazíamos a aplicação na escola sede, nós tínhamos as condições de material todas garantidas, ou seja, a escola está muito apetrechada, temos ginásios grandes, com, com todo o espaço necessário para a aplicação da prova. Quando nós transferimos a aplicação da prova para as escolas do 1º ciclo, surgiram alguns constrangimentos em relação ao material, portanto, a partir da informação de prova, ah, eu fui fazer o levantamento das condições que existiam em cada uma das por, das escolas e fiz o levantamento da necessidade de materiais. A partir daí, houve a necessidade de, rapidamente colmatar as falhas de material para que a prova pudesse ser aplicada. Ah, não foi fácil, porque tive que andar a correr de um lado para o outro e a deixar as condições todas, os materiais todos necessários para a realização da prova, mas, depois já vos digo que foi mais-valia para, para a escola
	Case #51	depois outro constrangimento foi o material, as escolas à volta do nosso agrupamento sede tinham muito material, mas houve muitas escolas que não estavam apetrechadas e houve uma necessidade de aquisição de material, isso obrigou a fazer aqui um levantamento rápido dos materiais necessários para a aplicação da prova, ah, nessa altura, ah, havia muitos materiais em muitos fornecedores que estavam esgotados, portanto, foi, foi até à última mesmo que chegaram as encomendas para nós conseguirmos suprir a

		necessidade de materiais, aquilo que nós não conseguimos resolver, que era impossível resolverem tão pouco espaço de tempo foi a questão dos espaldares, portanto, só na escola sede a única turma, as únicas duas turmas que foram à escola sede fazes a prova, ah, porque têm aulas na escola sede foram as únicas duas turmas que conseguiram ter acesso aos espaldares, o resto das escolas não tem espaldares, portanto, esse foi um constrangimento e foi um aspeto a apontar depois na classificação da, da, dos alunos, porque não tiveram a possibilidade de desempenhar um, uma das tarefas, mas, por outro lado, as escolas têm bons espaços e ficaram apetrechadas para depois continuarem a desenvolver o trabalho na área da Educação Física.
	Case #51	Em relação à aquisição de material foi mais-valia, portanto, a escola apetrechou, a escolas sede teve que disponibilizar verba para apetrechar as escolas do 1ºmciclo 3e quando terminaram aspa, as escolas estão muito melhor preparadas para as aulas de EF do 1º ciclo seja do 1º ao 4º ano, portanto, o material fica lápara todos e eu acho que isso é uma grande mais-valia, porque havia algumas escolas com algum défice de material, e,
	Case #51	Em relação aos espaços e ao local da aula, às vezes não é o mais propício para o desenvolvimento da disciplina, mas é o que é possível e isso pode ser um constrangimento para, para a operacionalização do currículo, ah, mas é um, é uma, é um aspeto que acho que tem que ser trabalhado, bem trabalhado, porque, ah, desde muito cedo todos nós reconhecemos que o desenvolvimento das competências desde o 1º ciclo é fundamental para o sucesso depois ao longo de todo o seu percurso escolar e eu acho que é aí cedo que nós temos que atacar, que temos que trabalhar o desenvolvimento das competências para depois termos a possibilidade de chegar aos níveis de desempenho que nós necessitamos lá mais para a frente, no 3º e no secundário
	Case #52	claro e depois temos aquelas questões que, tarefas nas PA para as quais as escola tem dificuldade em termos de equipamento e de material, isso é um facto, mas são, são coisas muito ponderadas, podem querer que são muito muito pensadas com a equipa, muito ponderadas, porque, a, em Portugal temos este problema, que é, o de termos alguma dificuldade em certas áreas disciplinares em ter as, as com, todas as condições para a lecionação, em particular na EF e,
	Case #52	Isto não é simples, mas se fosse simples não éramos nós que estávamos aqui a trabalhar, portanto, é difícil, mas tem que ser feito e tem que ser, no fundo tem que ser explorado toda esta informação que é riquíssima e por ser rica é difícil de utilizar, obviamente. Olhem aqui para a patinagem, não realizaste a tarefa da patinagem. Esta é uma das questões, que estão a olhar para a patinagem, é uma das questões que também foi aqui referido, ah, penso que o [nome] referiu isso, que é os alunos não tinham material para desenvolver o currículo durante o ano letivo, pelo menos algum dos materiais, dos equipamentos, ah, a patinagem apareceu também para relembrar que faz parte do currículo e que as escoa têm que star apetrechadas, agora, faz mal os alunos não terem realizado esta tarefa específica naquela prova de aferição? Não tem mal! Não tem mal! Não tem mal neste sentido: se for um potenciador, se for catalisador para a escola adquirir o material e para os alunos no fundo desenvolverem estas aprendizagens, estas competências, já valeu a pena,, já foi uma vitória da prova de aferição, agora, quando as escolas nos telefonavam e diziam, ai, não temos patins, vamos comprara já, não, não é isso, porque ai não vamos aferir o trabalhos dos alunos ao longo do ano letivo, ainda por cima podem partir as pernas e os braços, não interessa nada, portanto, quando aparecer, agora foi a questão dos espaldares, não têm espaldares não podem fazer aquela tarefa, mas pode ser catalisador para que a escola possa, eventualmente, numa próxima oportunidade, ah, no fundo, desenvolver esta parte do currículo com os seus alunos, portanto, não, ah, ah, não se preocupem demasiado com o facto de, não temos aquele material, temos de o adquirir, mas tem que, é obrigatório que o aluno tenha desenvolvido essas competências, essas aprendizagens ao longo do ano letivo, se não aí é que os resultados não têm validade, verdadeiramente, não têm validade, porque não estamos a recolher informação exatamente sobre o que queríamos recolher, estão a perceber a questão, portanto, nada de stress nesta, nesta, nesta matéria.
	Case #58	Por acaso tinha aqui uma questão relativamente à importância ainda das provas de aferição de, sobre as aquisição do material, o [nome do professor] tinha falado que houve material que andou de uma escola para a outra, porque, precisamente, as escolas não têm material. Só me pergunto se, eh, não há material para a escola A, será que faz sentido colocar os miúdos nessa, nessa, nessa avaliação? Ah, porque se calhar eles não vão, eles não vão fazer porque nunca fizeram, lá está o treino que o [nome] falava, eles não vão fazer mesmo que o material agora esteja lá e mais, quando se transporta o material de uma escola para outra escola não há aquisição de material, quer dizer que no próximo ano eles não vão voltar a fazer e, portanto, ah, aquele propósito que também foi defendido pelo IAVE de trazer essas, esse materiais de novo para a escola, se não funciona naquele ano tirão funcionar a partir do ano seguinte, também deixa de ter efeito prático no meu entender.
	Case #49	aquisição de material em falta nas escolas do 1º ciclo, por isso, houve material que teve de flutuar de uma escola para outra para realizar, para se realizar a prova de aferição, quer dizer que não havia para os alunos aprenderem, objetivamente
	Case #52	claro e depois temos aquelas questões que, tarefas nas provas de aferição para as quais as escola tem dificuldade em termos de equipamento e de material, isso é um facto, mas são, são coisas muito ponderadas, podem querer que são muito muito pensadas com a equipa, muito ponderadas, porque, a, em Portugal temos este problema, que é, o de termos alguma dificuldade em certas áreas disciplinares em ter as, as com, todas as condições para a lecionação, em particular na EF e,